

PRIMEIRO CONTATO COM O PACIENTE: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA EM CENÁRIOS DE APS

LAUREN FERREIRA COELHO PEREIRA¹; ALINE ASSIS²; FERNANDO CARDOSO³; JULIANA FERREIRA⁴;

MARIA LAURA VIDAL CARRETT⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – laurenferreira90@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alinemara355@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nandoxpr2@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – juliana2000_18@yahoo.com.br

⁵Universidade Federa de Pelotas – mvcarret@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A transição dos estudantes de Medicina para o ambiente clínico representa um marco significativo na formação médica, caracterizado por desafios emocionais e cognitivos que influenciam diretamente o desenvolvimento profissional. O primeiro atendimento a um paciente real é frequentemente acompanhado por sentimentos de ansiedade, insegurança e expectativa, refletindo a complexidade dessa experiência inicial. Nesse contexto, a disciplina de Medicina de Comunidade, do curso de medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) desempenha um papel fundamental ao proporcionar aos alunos uma compreensão abrangente da prática médica, considerando os atributos da atenção primária à saúde.

Segundo Thomazi et al. (2014), o contato precoce do acadêmico de medicina com o paciente possibilita maior desenvolvimento de suas habilidades empáticas, além de compor uma identidade profissional mais ampla e completa. Investigações anteriores indicam que a exposição em fase inicial do curso de medicina ao atendimento clínico pode favorecer o amadurecimento profissional, o desenvolvimento da empatia e a valorização do cuidado centrado no paciente. Além disso, a integração dos estudantes em cenários reais de prática, como os proporcionados pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), contribui para a formação de médicos mais sensíveis às necessidades da comunidade e comprometidos com a promoção e prevenção em saúde. De acordo com Costa e Azevedo (2009), a iniciação precoce da prática médica ajudou os estudantes a entender melhor o 'estar-paciente', a reconhecer a importância da relação médico-paciente e a identificar 'exemplos' profissionais, sendo esta última análise intimamente ligada à empatia.

Assim, o objetivo desse estudo foi investigar as percepções, experiências e sentimentos vivenciados pelos alunos ao atenderem um paciente pela primeira vez durante o curso de medicina.

A relevância deste estudo reside na compreensão do impacto emocional e formativo dessa vivência inicial, oferecendo subsídios para o aprimoramento das estratégias pedagógicas na formação médica, em especial no campo da Atenção Primária à Saúde (APS).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Dentro da grade curricular do curso de medicina da UFPel, durante o quarto semestre, os alunos cursam a disciplina de Medicina de Comunidade, onde os acadêmicos são expostos às atividades próprias da APS, quando começam a fazer os primeiros atendimentos aos pacientes. Para melhor compreender os sentimentos relacionados a essa atividade, realizou-se estudo observacional, transversal e descritivo, com abordagem quantitativa, com os estudantes regularmente matriculados na disciplina. De acordo com Turato (2003), a utilização de instrumentos mistos possibilita uma análise mais abrangente dos fenômenos estudados, capturando tanto aspectos objetivos quanto subjetivos das experiências dos participantes.

A coleta de dados ocorreu no dia 28 de março de 2025, por meio da aplicação de um questionário autoaplicado estruturado, contendo 2 perguntas de identificação (idade e sexo) e 9 questionamentos sobre a experiência no atendimento aos pacientes. Dessas questões, 2 eram objetivas de múltipla escolha e 7 eram perguntas abertas.

A amostra foi composta por 34 acadêmicos, dos quais, apenas 5 responderam suas idades. Desses, 58,8% pertenciam ao sexo feminino e 35,3% ao sexo masculino, enquanto 2 (5,9%) pessoas não responderam o sexo. Dois acadêmicos não estavam presentes no momento da aplicação do instrumento.

Os dados obtidos revelam uma gama rica e significativa de sentimentos e percepções por parte dos estudantes ao realizarem seu primeiro atendimento clínico. Entre os principais resultados, destaca-se que a maioria, cerca de 97,1%, respondeu que realizou pelo menos um atendimento “sozinho” durante as atividades práticas da disciplina de Medicina de Comunidade, além disso, a maioria dos acadêmicos, somando por volta de 61,5%, relataram sentimentos iniciais de insegurança, ansiedade, nervosismo, medo e angústia, os quais, ao longo da atividade, foram gradualmente substituídos por sensações de satisfação, gratificação e dever cumprido (Figura 1). Esse contraste evidencia o potencial formativo da vivência prática no desenvolvimento da confiança profissional.

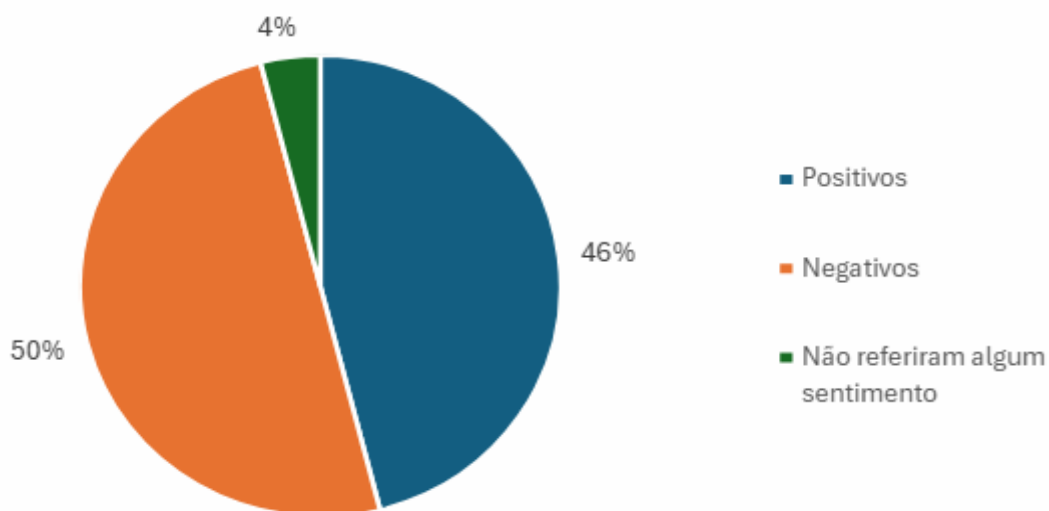


Figura 1. Sentimentos referidos pelos alunos durante o primeiro atendimento ao paciente na disciplina de Medicina de Comunidade-UFPEL (N=34).

Em relação às experiências nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), os sentimentos positivos (Figura 2) mais mencionados foram a sensação de pertencimento, a colaboração com colegas e a realização pessoal ao ajudar os

pacientes. Por outro lado, os sentimentos negativos (Figura 3) mais comuns envolveram medo de errar, receio diante da responsabilidade e sensação de despreparo em algumas situações clínicas. Esses achados demonstram que, embora desafiadoras, as experiências práticas têm alto valor pedagógico, contribuindo para a construção da identidade médica e para a formação de competências emocionais essenciais à prática profissional. Mitre et al. (2008) afirmam que as metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde promovem uma prática pedagógica ética, crítica, reflexiva e transformadora.

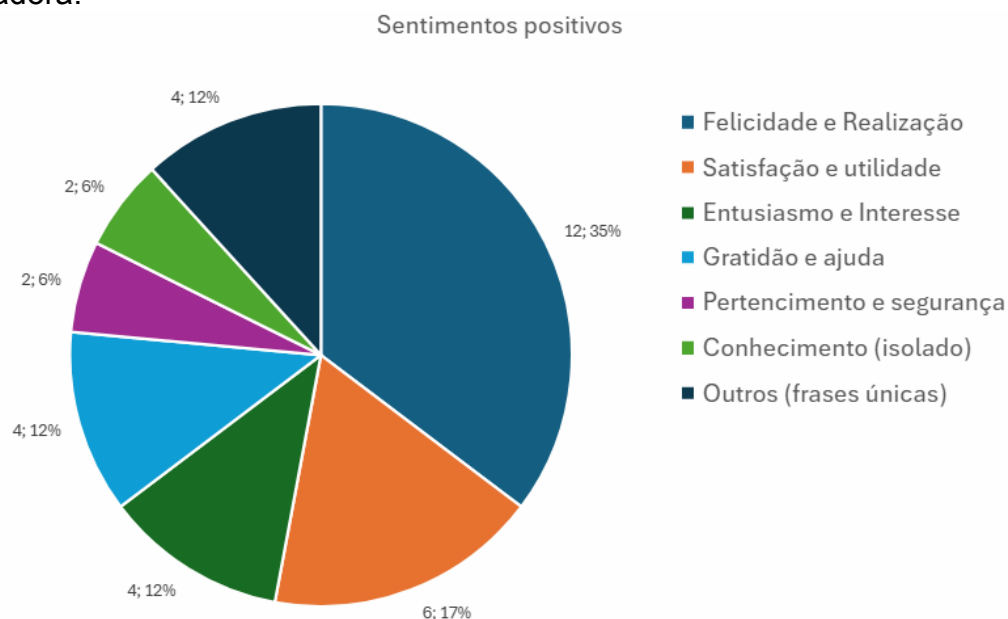


Figura 2. Sentimentos positivos referidos pelos alunos durante o primeiro atendimento ao paciente na disciplina de Medicina de Comunidade-UFPEL (N=34).

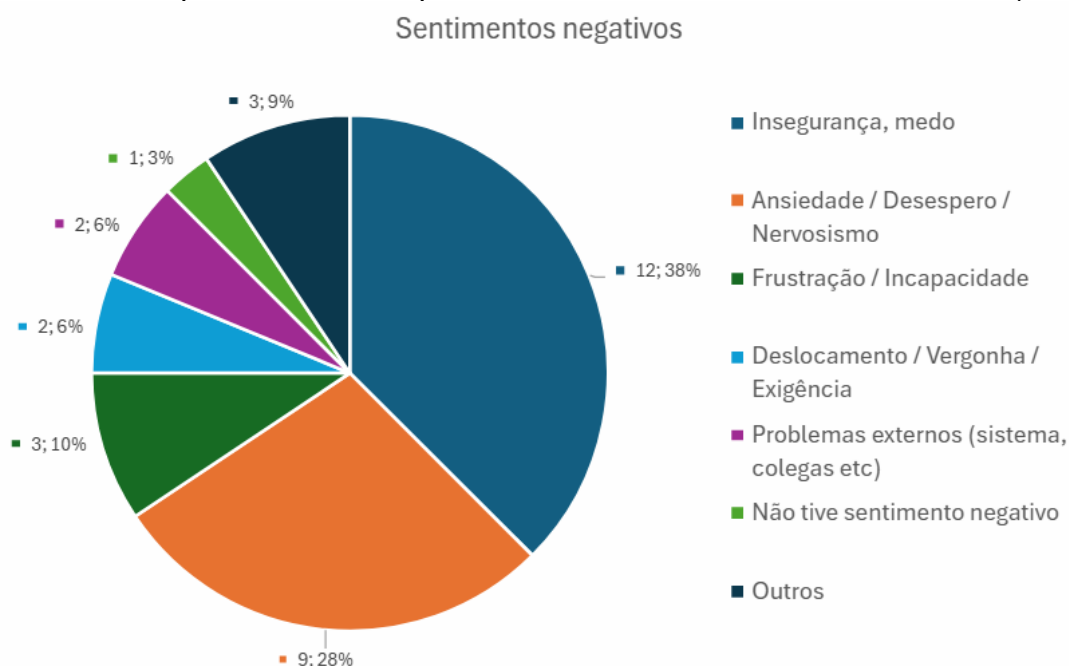


Figura 3. Sentimentos negativos referidos pelos alunos durante o primeiro atendimento ao primeiro paciente na disciplina de Medicina de Comunidade-UFPEL (N=34).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses resultados têm implicações importantes para a prática pedagógica, pois reforçam a necessidade de deixar explícito para os alunos que os preceptores têm o papel de realizar acompanhamento contínuo nos atendimentos aos pacientes e devem oferecer suporte emocional aos alunos durante esses atendimentos, deixando clara a ideia de que os alunos não estão sozinhos. Além disso, revelam a importância da APS como cenário formador e sua capacidade de expor os estudantes a situações reais, complexas, reflexivas e enriquecedoras.

Entre os desafios enfrentados durante o processo, destaca-se a dificuldade em articular a teoria com a prática, a limitação do tempo para amadurecimento das competências clínicas e a insegurança diante da autonomia exigida em alguns atendimentos. Ainda assim, as lições aprendidas foram significativas, com relato, pelos estudantes, de crescimento pessoal, desenvolvimento da empatia e fortalecimento do compromisso ético com o cuidado em saúde.

Entre os maiores desafios citados, destacam-se atividades relacionadas à saúde da mulher (especialmente coleta de material para exame citopatologia de colo uterino), atendimento a crianças e adolescentes. Os estudantes relataram dificuldade técnica, inexperiência, falta de familiaridade com os procedimentos e barreiras na comunicação com determinados grupos etários. A maioria dos alunos não relatou ter sido recusada por pacientes, o que sugere um ambiente em geral acolhedor e receptivo nas UBS. Muitos também relataram casos marcantes, nos quais conseguiram aplicar o conhecimento técnico de forma significativa ou se sensibilizaram com as histórias de vida dos pacientes.

Para investigações futuras, sugere-se a realização de estudos longitudinais, que acompanhem a evolução dessas percepções ao longo da graduação. Além disso, seria relevante explorar estratégias pedagógicas inovadoras — como simulações clínicas, aulas práticas e feedback estruturado — que possam preparar melhor os estudantes para suas primeiras experiências clínicas e reduzir a ansiedade associada a esse momento formativo tão marcante.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- THOMAZI, L.; MOREIRA, F.; MARCO, M. A. **Avaliação da evolução da empatia em alunos do quarto ano da graduação em Medicina da Unifesp em 2012.** Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília, v. 38, n. 1, p. 87-93, 2014
- COSTA, J. O.; AZEVEDO, B. D. **Iniciação precoce da prática médica: uma experiência de ensino-aprendizagem na atenção primária à saúde.** Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília, v. 33, n. 1, p. 13-20, 2009
- TURATO, E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 507-514, 2003.
- MITRE, S. M. et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.